

O CHÃO EM MANOEL DE BARROS: DO ESPAÇO-TEMPO LISO AO ESTRIADO NA INVENÇÃO DE UMA LITERATURA MENOR

Thiago Rodrigues Carvalho
Doutorando PPGG/UFGD
trccarvalho1@yahoo.com.br

Jones Dari Goettert
Orientador, Professor PPGG/UFGD
jonesdari@ufgd.edu.br

O CHÃO QUE CONDECORA O VIVER

Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. Veio de longe com sua pré-história [...] Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu. Não sabe se as vestes apodrecem no corpo senão quando elas apodrecem. É muito apoderado pelo chão esse Bernardo [...] (BARROS, 1985, in Poesia Completa, 2010, p.211).

Com Bernardo, Manoel de Barros compôs um “ser” do chão, ou apoderado por ele. Com artimanha para “transfazer” a natureza (“Bernardo montou no quintal Oficina de Transfazer a Natureza” (BARROS, 1989, in Poesia Completa, 2010, p.245)), o poeta “deu vida” a um ente que não é necessariamente humano, no entanto, não deixa de ser um personagem com características de uma pessoa. Como representação, Bernardo acaba sendo uma obra da arte ou, como o próprio poeta se refere uma “artesanía”, que foi imaginada pelos elos inventados/existentes entre o “[...] verdor primal das águas com as vozes da civilização [...]” (BARROS, 1985, in Poesia Completa, 2010, p. 199).

Quando leio Manoel de Barros descrevendo Bernardo¹ e compondo os arranjos que condecoram suas “desvirtudes” poéticas, me vem à imagem de uma pessoa desencontrada na fronteira durante a visita técnica da disciplina de Migrações, Territórios e Identidades, quando percorrendo os deslimites da fronteira entre o Brasil e o Paraguai, mais precisamente na cidade de Aral Moreira e tivemos a oportunidade de visitar o sítio do avô de um servidor público (Gilson) que nos auxiliava nos trânsitos pelo município, procurando nos revelar peculiaridades do lugar fronteira.

O “Bernardo” que a poesia de Manoel de Barros me comprometeu a ver na realidade vivida, não foi necessariamente, um sujeito com características iguais ao personagem dos livros, pois se quer consegui ver seu chapéu de palha, nem seu fumo e/ou espelinho que ele supostamente poderia esconder em meios cabelos. Apesar de poder caminhar as margens de um pequeno riacho que passava no fundo de sua chácara, não consegui perceber se aquelas águas foram encurtadas por ele? Mas, mesmo assim, tive a impressão de ter visto o silêncio preso por fivela, com dúvida (?), percebi que quando chegamos à chácara, acabamos por libertar diversos sons que encobriram o barulho do silêncio.

¹ Em diferentes obras, Manoel de Barros cria narrativas alucinantes para compor o personagem Bernardo, o livro onde podemos encontrar uma descrição mais ampla é o “Guardador de Águas (1989)”. Obra que, segundo nossa interpretação, apresentam nos primeiros XV tomos, uma descrição minuciosa do personagem Bernardo.

Contudo, desde o primeiro instante, tive certeza de estar diante de um ser apoderado pelo chão². Nas primeiras palavras quase inaudíveis, pois era perceptível a “[...] caverna de pássaro dentro de sua garganta escura e abortada [...]” (BARROS, 1985, *in* Poesia Completa, 2010, p.211), era possível perceber que estava diante de um [...] homem percorrido de existências (BARROS, 1989, *in* Poesia Completa, 2010, p.240). Sua narrativa sobre o lugar tinha cheiro de memória longa, estremeçada pelos descasos de esquecimentos.

Imagem 1. Senhor K. e coisas vistas em sua propriedade.



Fotos: Josiane Xavier
Organização: Thiago Rodrigues Carvalho.

Na imagem acima, que é resultado de um conjunto de fotos capturadas individualmente, se vê ao centro o personagem lido e identificado como um arquétipo de Bernardo, as demais fotos são registros de sua propriedade e entorno. A foto disposta no canto superior esquerdo da imagem, seguindo um olhar circular em sentido horário, há um contínuo de paisagens transformadas, produzidas e reproduzidas, a maior parte pelo proprietário que foi um dos primeiros moradores daquela região, após o enfraquecimento dos domínios indígenas locais. A casa (que teve sua primeira versão construída toda de rochas que foram recortadas por machado, o peso dessa informação

² Para fins metodológicos, em nosso trabalho chamaremos a pessoas que está sendo associado ao personagem “Bernardo” de Senhor k.

só pode ser medido por mãos que já trabalharam com o instrumento), as cercas e mangueiros de lida com o gado, a roda d'água, o represamento da água formado um pequeno lago; os pomares de frutas e a própria estrada, foram abertas, construídas e mantidas pelo Senhor K. durante décadas de sua vivência naquele lugar.

Mas, ao mesmo tempo em que elencamos e identificamos os elementos do espaço, percebemos seus primitivismos confirmados pela franzina voz do Senhor K., que nos contava detalhes de sua experiência desde quando ali chegou. Durante sua narrativa que era discursiva, mas também imagética, era possível ver o lugar como um espaço-tempo “estriado”, mas, ao mesmo tempo, suas estrias e rugosidades, eram incipientes, rudimentares e remetiam todo instante, ao passado. Como se não estivesse acabado, o lugar mesmo estriado permanece marcado por lisuras ainda não rasuradas pelos processos produtivos do homem transformando seu meio. Como se tentasse nos explicar as imagens configuradas e produzidas ao nosso entorno, sentia a força de uma vanguarda-primitiva³, e fiquei a perceber que “[...] num espaço tempo liso ocupa-se sem contar, ao passo que num espaço-tempo estriado conta-se a fim de ocupar” (DELEUZE, 1997, p. 183).

O Senhor K ao se “estanciar” por aquelas terras se viu como primeiro homem, Bernardo era. “Desbravador”(?!), “pioneiro”(?!), “fundador” (?!), “colonizador”(?!), etc., os adjetivos poderiam ser vários, mas a maior parte deles de certa forma, não aludem para a complexa relação existente naquele chão que, quando encontrou o Senhor K., ainda não havia sido estriado? Sim em menor escala é claro, povos originários diversos também transformaram situações e o lugar durante suas vidas, mesmo assim, as mudanças, sobretudo após o processo colonizador, produziram-se sobre uma superfície de espaço tempo liso, que se estriou/enrugou ao longo das décadas, na relação recorrente em fazer daquele chão, o limbo marginal de fortalecimento de territorialidades, chão de múltiplas referências, espaço de vida. O significado de fronteira se estende há múltiplas possibilidades de negociação.

A fronteira sertão, lugar onde o imperativo é o espaço tempo liso, apesar de possuir marcos que estriavam, ao ponto de nos convencer que estávamos, durante nossa viagem de campo, percorrendo a linha internacional; como ainda as produções do agronegócio retangulares, é também uma espacialidade de carências e ausências de diversas instituições de Estado⁴, o que fez dessas espacialidades, pelas mãos/territorialidade do Senhor K., um espaço inaugural, um lugar onde as rugosidades foram produzidas, antes de tudo, pela marginalidades de sua localização, um lugar que em meio as estrias é liso por várias relações de precariedade. O liso e o estriado se articulam em convulsões delirantes de afirmação e negação.

[...] o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organizar-se até mesmo o deserto; no outro o deserto se propaga e cresce; e ao mesmo tempo [...] (DELEUZE, 1997, p. 180).

³ Segundo se sabe, a Vanguarda Primitiva foi inventada como estilo poético da escrita de Manoel de Barros e Douglas Diegues, únicos integrantes e representantes do movimento no Brasil e no mundo. A analogia se constrói por ter a impressão de enquanto ouvíamos o Senhor K. comentar seus atos de vanguarda naquele lugar, observávamos a paisagem a nossa volta enfeitada de primitivismo.

⁴ O município de Coronel Sapucaia ainda não possui Fórum de Justiça, nem Comarca e nem Juiz atuando nas demandas da cidade, havendo sempre a dependência Jurídica do Município de Amambaí MS.

As transições entre o liso e o estriado estonteiam e embriagam os sentidos, a própria localização da sede da propriedade, o local escolhido para edificação da residência da família foi definido por pressuposto pouco convencional, poético.

O Senhor K. e sua senhora, com a aquisição do pedaço de chão, saíram à cavalo percorrendo possíveis locais para construir a casa, quando localizaram no sopé de uma encosta de aproximadamente 70 metros de altitude, um conjunto de árvores frutíferas (onde está sua residência hoje) que, segundo o Senhor K., combinavam na paisagem e a luz do luar de uma noite de verão, o casal, no efervescer ou não da paixão de recém casados, foram ao chão coberto por capim e naquele lugar passaram a noite, ao amanhecer tinham a certeza de o local ser propício aos seus desejos.

Mesmo sem ser produzido pelo homem, o lugar encontrado era estriado por corresponder às expectativas criadas, o que demonstra que o próprio ato de pensar o espaço se identificando com ele, produz referências que o demarcam, o produzem.

O ESPAÇO-TEMPO LISO E ESTRIADO NO CHÃO DOS LIMITES INTERNACIONAIS FRONTEIRIÇOS

Os deslimites de fronteira do território brasileiro acabam por permitir o encontro com “os outros”, os estrangeiros; também representa o limite do espaço de expansão das forças produtivas pelo território nacional; o começo, onde algo começa se fazer presente; um lugar de transgressões. A fronteira ora se faz lisa como espacialidades de deslimites, um lugar anormal em suas indisciplinas pitorescas, outrora, é também um espaço estriado, marcado pelo poder de Estados que definem términos e inícios de soberanias distintas.

O marco da fronteira fixa localização expressiva, que ambigualmente representa a presença de algo, mas na escala das relações do lugar, não passa de um simbolismo com poucos significados para aqueles que, como a família que reside sobre o limite fronteiro (foto abaixo), reconhecem nesta marca um símbolo que quase nada impede e pouco delinea.



Imagem 2. Marco Internacional dos limites fronteiro entre Brasil e Paraguai (município de Aral Moreira) Fotos: Josiane Xavier

O marco representa uma marca de Estado. Mas a fronteira não é só território, sedo também lugar de multiplicidades, chão de várias comunidades e pessoas que fazem da margem, seus espaços de sobrevivência.



Imagens 3 e 4. Casa de família que mora sobre a linha limite internacional fronteiro entre Brasil e o Paraguai (município de Aral Moreira).
Fotos: Josiane Xavier

Apesar de o espaço ser estriado e demarcado para definir o que é Brasil e Paraguai, as famílias que residem nos limites internacionais vivem com grandes dificuldades e carências, afirmadas nas ausências e impossibilidades de um espaço que, liso (falta de diversas infraestruturas de Estado), imprime um duro cotidiano as pessoas daquele lugar, homens, mulheres, crianças, diversa etnias indígenas, entre outros, passam a sensação de estarem desassistidas pelo poder público local e/ou nacional. As instituições corriqueiramente presentes são as polícias de patrulhamento das fronteiras (Força Nacional; DOF Departamento de Operações de Fronteira). A segurança do território estria o espaço de vidas das famílias de baixa renda que habitam os limites da fronteira, mas as carências demonstram que o espaço também é liso em suas demandas sociais e espaciais.

O Estado ao garantir domínios sobre a fronteira, não se faz presente com suas instituições para atender as demandas de todos os grupos sociais que habitam um espaço cheio de estrias produzidas legal e ilegalmente, mas que é liso no uso cotidiano social das famílias pobres que sobrevivem como empregados dos grandes proprietários rurais do agronegócio, perseverando em problemas considerados banais de nossa sociedade, como acesso a educação básica, saúde, comércio etc. Como lembrou Deleuze (1977), num caso organiza-se até mesmo o deserto, no outro o deserto se propaga e cresce.

O liso e o estriado estão presentes em diversas territorialidades da fronteira e dos limites fronteiriços e outros. Um jogo de imagens configuram territórios de fronteiras como espacialidades ambíguas, ambivalentes, difusas. Transita-se do liso ao estriado e vice versa e se produzem referências teóricas que contribuem para refletir as formas de territorialidades dos homens e mulheres que habitam a fronteira e produzem relações espaciais e temporais bastante pitorescas.

Tanto o Senhor k., que se fez e refez do liso ao estriado, fascinando a paisagem e as demais pessoas que conhecem os saberes de suas histórias, quanto as famílias de baixa renda que, espremidas e disciplinadas pela geometrização produtiva do agronegócio, vivem as desventuras nos espaços lisos de produções que não chegam até eles e/ou as quais pouco participam. Para as desigualdades sociais e econômicas da divisão territorial do trabalho do capitalismo no campo brasileiro, nos limites internacionais fronteiriços. As estrias representam trabalho para os pobres, o espaço liso aparece como carência/ausência. Perceptível, o espaço estriado trabalha pela lógica de produção de riqueza, incorporando aqueles que supostamente poderiam ficar excluídos, agora inclusos precariamente, com seus espaços lisos mantidos, como força de trabalho.

O espaço-tempo liso e o espaço-tempo estriado são complexidades para pensar o chão em sua expressão nua e preenchida, de sua simplicidade complexidade, o vivido em sua significação espacial. Refletir o espaço em suas múltiplas temporalidades coloca em plano de destaque, suas estrias. Sejam pelos fragmentos parcelares de formas de vida, ou por planos de orientação complexos, como um mapa, temos referências que criam elos de relação, o espaço “refletido”, meditado, representado, mesmo que não transformado é produzido inclusive, quando é apenas pensamento.

O chão é a base tanto do espaço tempo liso, quanto do estriado. O chão é o início que permanece entre as transições dos espaços-tempos lisos aos estriados, o liso permite ver o primitivismo das relações espaço-temporais, ao mesmo tempo em que lança a ideia sobre seus outros significados, aprisionados pela “estriagem” que pretende o definir. Entretanto, o chão, há chão feito por “peraltagens”, travesso, se rebela com tais referências aprisionadoras, contudo, é possível captar seus sentidos como multiplicidades. O “Entre-lugar” que Manoel de Barros adentra para compor suas poesias, libertando as coisas de seus significados mais expressivos e hegemônicos.

A poesia de Manoel brota dos meandros confinados entre o liso o estriado, o espaço novo do devir que vislumbrado pela linha de fuga, é desejo. O liso é potencial de novos enunciados que se configuram nas frestas de espaços-tempos estriados, a liberdade alvorece como multiplicidades, Manoel diz ter achado o “achadouro” donde vertem suas fertilidades, feito “agroval” de outras percepções do mundo.

Por essas, por outras e talvez (?), por todas mais, Manoel de Barros é inventor de uma literatura menor, própria, idiossincrática, relacional, reveladora de outras coisas cuja sua invenção, faz parte do que necessitamos descobrir.

MANOEL DE BARROS: UMA LITERATURA MENOR PARA UMA GEOGRAFIA MENOR?

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização (DELEUZE, 1977, p. 25).

Manoel de Barros poeta brasileiro é autor de uma literatura menor. Percorrendo mundos rememorados, imaginados e reinventados, o poeta criou escrita própria que desterritorializa a si próprio, bem como, os sentidos e significados do mundo. Sua poética se inscreve como uma literatura menor, que demanda uma linguagem própria para dar sentido às iluminuras da poesia. Criando a necessidade de inventar uma linguagem própria, algo como o idioleto Manoelês Archaico, que foi uma língua criada, segundo o autor, a moda de um dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas.

Para o autor a poesia é necessariamente algo produzido a partir do “desvalor”, sendo nessas espacialidades com significados “desimportantes” que fertiliza a criatividade do poeta: “[...] Tudo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia [...]” (BARROS, 1970, *in* Poesia Completa, 2010, p.146). O “traste”, o “inutensílio”, o “residual”, o “limo”, o “cisco”, o “trapo”, a “pedra”, o “nada”, o “andarilho”, como ideias/elementos recorrentes em sua poesia, acabam por serem, muitas vezes, os descortinadores de outras percepções, pois estão ligados às coisas “miúdas” abandonadas no/pelo chão.

Para descobrir as insignificâncias do mundo e as nossas é necessária escala geográfica que se desdobre sobre outras sensibilidades de valores, ao mesmo tempo, a sua poesia força o nascimento de uma linguagem própria. Tanto a escala quanto a linguagem, para se aproximarem do universo imaginativo barreano, precisam se refazer em suas concepções e referenciais mais formais. O chão revela outras possibilidades à linguagem e as escalas geográficas na poesia de Manoel de Barros.

Além de a literatura menor operar a desterritorialização do autor, também assume sentido político, uma vez que, “[...] seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado a política [...]”, dessa forma, o individual se torna “[...] necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele [...]” (DELEUZE, 1977, p.26), uma história que atravessa a pessoa/autor por um ato política e/pois relacional. Mesmo solitário o escritor constitui uma ação comum, estabelece uma relação com o coletivo, ainda que todos não estejam de acordo, o “[...] campo político contaminou todo o enunciado [...]”, sendo na e através da literatura, que se opera a função de enunciação coletiva daquilo que está à margem e/ou excluído, fazendo exprimir outro potencial para a comunidade, ou “[...] forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade [...]” (p.27).

Pela literatura se desencadeiam aberturas ao devir, imprevisto, se singulariza na população (senhor K. –Bernardo?).

Com Deleuze (1997), aprendemos a pensar o escritor como um médico com sensibilidade frágil em ver e ouvir coisas demasiado grandes, fortes, irreparáveis, cuja passagem o esgota, “[...] dando-lhe contudo devires [...]”. O que talvez permita ha Manoel de Barros fornecer ao mundo uma literatura como a enunciação coletiva de um povo menor [...]”, que só encontra expressão no escritor e através dele (DELEUZE, 1997, p. 14). Sua poesia, coloca em evidencia a invenção de algo que faltava, uma sensibilidade própria que ataca por dentro da língua, criando linguagem própria. Enquanto opera em escalas espaciais e temporais próprias, estratégicas, dessentidas, com elementos imaginados, ressinificando e difundindo outros segredos em sua relação escalar com coisas, lugares e paisagens, produzindo enunciados que revelam outros entendimentos sobre nossa relação com o mundo e suas aparências.

O poeta, pela arte, tem o poder de uma “[...] reduplicação da vida, uma espécie de emulação nas surpresas que excitam a nossa consciência e a impedem de cair no sono [...]” (BACHELARD, 1993, p. 17). A arte renova o processo de recriação dos espaços e tempos, das coisas, do mundo, e da própria vida. Todo horizonte de criatividade que é vida rememorada pela poesia, produz imagens de espaços vividos não em “[...] sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação [...]” (BACHELARD, 1993, p. 19), pois “[...] O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo [...]” (BARROS, 1996, *in* Poesia Completa, 2010, p. 350).

Sem afirmar nem explicar as distribuições das coisas e pessoas nos lugares e suas distâncias, tempo e espaço participam de um processo criativo que vai além, possibilitando elaborar outras perguntas ao mundo e as representações desses referenciais. A dimensionalidade própria do universo poético chega a possuir geograficidade e temporalidades próprias, pois os sentidos construídos e enaltecidos recriam outros horizontes de valores.

Uma geografia própria e/ou menor se vislumbra com a poesia barreana. Não porque foi operada em uma escala microscópica e/ou gigantesca, inimaginável, mas fundamentalmente, por caminhar por elementos com significados redimensionados pela poesia, quando tempo e espaço são redefinidos em escalas de valores poéticos de invenções.

A geografia do chão se revê fértil entre as estrias de um mundo questionado e atacado, como se por sua agitação, se procurasse liberar outros significados. Tal é forte os indícios de uma recriação do mundo pelo sentido atribuído a suas experiências, que a poesia de Manoel de Barros parece querer caminhar para reencontra espaços tempos lisos, *poemas rupestres*, onde a multiplicidade ainda não tinha sido aprisionada pela necessidade de significação vigente no mundo.

A geografia menor da obra barreana tem a ver com pré-coisas, delineamentos sobre o que ainda não foi terminado, abandonos que ficam dentro e por isso, são sempre, reavivados. Dessa maneira, o chão é também algo que decora a estética do corpo, como vimos com Senhor K. e suas desventuras de ausências, em um lugar que, por pouco existir, quase tudo precisou ser inventado, feito de maneira própria, contando com o arranjo do que lhes faltava, pois, “[...] Sabedoria se tira das coisas que não existem [...]” (BARROS, 1996, *in* Poesia Completa, 2010, p. 363).

A família que vive no limite internacional (Brasil – Paraguai), que parece também estar em um “Entre-lugar” de começo, uma espacialidade restrita que, ao ser transpassado, a geometria se impõe demarcando territórios, propriedades, produções,

mas sobre a linha internacional, o que está posto é uma espacialidade entre estrias, mas que também demarcam o quão liso ainda é o espaço tempo das pessoas naquela territorialidade. Onde o Estado age, mas ainda assim, pouco se faz presente. Na paisagem, se vê formarem aparências quase insignificantes aos olhos dos projetos maiores do poder de soberania estatal nos limite internacional do território brasileiro. O projeto de Estado parece maior que a vivencia, mas a vivencia liberou outras espacialidades entre as estrias do poder que não previu a astúcia comum à vida marginal.

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos. É um olhar para baixo que eu nasci tendo. É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo. O ser que na sociedade é chutado como uma barata – cresce de importância para o meu olho. Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo. Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas. Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão – Antes que das coisas celestiais. Pessoas pertencidas de abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas (BARROS, 1998, *in* Poesia Completa, 2010, p. 361).

Uma geografia menor lampeja em Manoel como matéria de poesia, alucinações vibrantes entornam o que o desprezo inutilizou como ferramenta poética, revela outras dimensões sobre pessoas e coisas pertencidas de abandonos. O olhar para baixo permite a Manoel encontrar uma geograficidade para uma literatura menor que tenha a ver com o povo, que não fala em seu lugar, nem o dá voz, mas recria dentro de suas próprias estrias e lisuras, outras significações não “no lugar de”, mas “em intenção de” (DELEUZE, 1997, p. 15), o que estilhaça a realidade em sensibilidades que emulam e recriam atos, no excitar das consciências.

DESCONSIDERAÇÕES FINAIS

O chão, em sua compostura, é revolucionário na poética de Manoel de Barros. Sua vitalidade permite ao escritor tatear outras geografias de mundos revividos, imaginados e inventados, a poesia recria imagens que retocam os sentires do mundo.

Experimentar o sabor da poesia criando agenciamentos com outras vivencias, outras conexões próprias do ambiente de criação poético é uma desventura emocionante e incerta, o que leva politicamente a necessidade de questionar: em ciência, como usar poesia? Como permear sentidos poéticos que consigam com leveza e peso sobre as consciências, revelar pela inexatidão e incerteza, outras paixões ao próprio conhecimento científico, a Geografia, outras geografias?

Não sei!? Mas por aqui houve tentativa de um projeto experimental não de coisificar ou explicar a poesia, mas conecta-la a outros agenciamentos dos mundos que vivemos e sentimos, refletimos e analisamos, misturando o verdor primal de vozes e imagens poéticas delirantes, aos prognósticos duros do jogo acadêmico, da formalidade que conforma e padroniza, mas também broxa! Talvez daí derive o desafio, criar elo estimulantes de maiores prazeres e trocas entre Ciência e Arte, Geografia e Literatura, o chão como outras geograficidades.

Desse experimento criamos uma leitura de aproximação entre o andarilho de Manoel e nossas andanças pelas fronteiras, não sei ainda o que o Senhor K. tem de Bernardo? Mas me inclino a pensar que ambos já viveram coisas que os abordam. Talvez o chão, que é o decorador mais eficiente de Bernardo, tenha agido sobre o Senhor K, o que o aprontou para poema, fazendo-o ocupar espaço próximo ao esconderijo de Bernardo!? Talvez, mas não posso ter certeza, não por aqui.

A complexa relação entre o chão e as pessoas faz com que os espaços tempos se estriem, a grandeza da lisura perde centralidade para as estrias de produções várias, mas nas frestas entre uma estria e outra, se constituem conexões inesperadas, marginalizadas, desconsideradas, que latejam outros sentidos aos espaços tempos comandados por estrias que, como misturas, se agitam do chão o abandono que revela outras leituras, uma geografia menor dentro de uma literatura Menor? Também não sei? Mas percebo que algumas coisas nos ensinam a sentir o mundo de outra maneira, e isso toca e compromete qualquer compromisso de consciência, portanto, o testemunho relatado não pode passar se não, de uma rasura do mundo manolês nas estrias sensitivas do corpo no mundo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Manoel. Matéria de poesia. In. BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, [1970] 2010, p. 143.

_____. Livro de pré-coisas: roteiro para uma expedição poética no pantanal. In. BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, [1985] 2010, p. 41.

_____. O guardador de águas. In. BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, [1989] 2010, p. 237.

_____. Livro sobre o nada. In. BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, [1996] 2010, p. 325.

_____. O retrato do artista enquanto coisa. In. BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, [1998] 2010, p. 355.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. e GUATARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.